

# A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

## THE IMPORTANCE OF CHILDREN'S LITERATURE IN CHILD DEVELOPMENT: A LITERATURE REVIEW

**ZORAIDE DIAS MIDEGA**

Curso de Pedagogia: Faculdades Integradas de Marília, 1986; Pós-graduação Arte na Educação término, 2017; Pós-graduação Faculdade Unificada do Estado de São Paulo (FAUESP); Pós-graduação, História, Arte e Educação nos Museus Paulistas, 2019; Professor de Educação Infantil e Fundamental na EMEI Desembargador Dalmo do Valle Nogueira, desde 2007.



### RESUMO

No objetivo de contribuir com a quantidade de discussões sobre a importância dos espaços de contação de histórias nas escolas, como método pedagógico para o ensino da prática da leitura literária é que este trabalho apresenta, viés pesquisa bibliográfica, algumas reflexões sobre: (a) a relevância para a vida do aprendiz da leitura literária; (b) a delimitação sobre a literatura infantil; e (c) algumas considerações sobre a necessidade da contação de histórias para a instrução de futuros leitores críticos. Baseamo-nos em autores, como Caldim (2003), Barros (2013), Lajolo (2002), Simplicio (2015), Zilberman (2003) entre outros. Destacaram-se em nossas discussões, considerações sobre a imprescindibilidade do docente ter conhecimento de que ler e ouvir/contar histórias estimula o pensamento narrativo, isto é, uma forma de pensar paralelo ao pensamento lógico científico, conectado à subjetividade e ao emotivo. Por este motivo, a prática de contar histórias fundamenta o psíquico e o emocional da criança, de forma que o aprendiz vá atingindo idade e estruturando um acervo de informações que moldará a sua identidade nos modelos que experiência, inclusive por meio da literatura.

**PALAVRAS-CHAVE:** Contação de histórias; Literatura Infantil; Criança; Leitores críticos.

## ABSTRACT

In order to contribute to the amount of discussions on the importance of historical storytelling spaces in schools as a pedagogical method for teaching the practice of literary reading, this work presents, in a bibliographic research bias, some reflections on: (a) the relevance for the life of the learner of literary reading; (b) delimitation on children's literature; and (c) some considerations about the need for storytelling to educate future critical readers. We rely on authors such as Caldim (2003), Barros (2013), Lajolo (2002), Simplicio (2015), Zilberman (2003) among others. In our discussions, considerations were highlighted regarding the indispensability of the teacher to have knowledge that reading and listening / telling stories stimulates narrative thinking, that is, a way of thinking parallel to scientific logical thinking, connected to subjectivity and emotionality. For this reason, the practice of storytelling underlies the child's psychic and emotional, so that the learner will reach age and base his identity on the models he experiences, including through literature.

**Keywords:** Storytelling; Children's literature; Child; Critical readers.

## INTRODUÇÃO

Como nos explica Caldin (2003), nos últimos anos do século XX, a ideia acerca da necessidade e relevância da literatura infantil na instrução formativa de pequenos leitores se consolidou, passando a fazer parte das discussões concernentes às políticas públicas de educação e de cultura. Mesmo distante de uma situação ideal de configurar-se como um país de leitores, em razão dos problemas da qualidade da educação, é importante reconhecemos que a situação não é a mesma de tempos atrás como, por exemplo, a do ano de 1980, quando a criança escutava e desfrutava da mesma literatura para adultos. A concepção da necessidade de aproximar as crianças dos livros de literatura infantil é, praticamente, um consenso na atualidade.

Sabendo desta situação e no objetivo de elevar a quantidade de trabalhos que discutam sobre o assunto, para, desta maneira, cooperar, mesmo que de maneira ínfima, para que a realidade ideal de leitores no Brasil aumente ainda mais, é que neste trabalho realizamos uma revisão bibliográfica da importância da literatura infantil como estratégia pedagógica para a incitação da leitura em alunos da educação infantil e ensino fundamental, que comumente, mas não somente, agregam alunos com faixa etária de 0 a 14 anos.

Para alçar o proposto, foi necessário atingir os seguintes objetivos específicos: (a) compreender e discorrer acerca da relevância e necessidade da leitura; e, (b) definir o que é literatura infantil e como é vista dentro do âmbito escolar.

A metodologia adotada foi a de cunho bibliográfico, que, segundo Andrade (2017), é uma espécie de trabalho que objetiva destacar discussões acerca de um tema, isto é, elaborar um ajuntado de conhecimentos reunidos de obras de toda natureza, no almejo de conduzir o futuro leitor a

compreender determinado assunto de maneira mais ampliada. Além do mais, oportuniza que uma quantidade maior de informações seja descrita, comparadas e publicadas, do que as demais pesquisas que, por questões de tempo, não possibilitam. Mas ressalta-se a necessidade do cuidado com o levantamento de dados de fontes confiáveis, caso contrário, o trabalho, ao invés de contribuir para a construção do conhecimento, irá replicar e ampliar equívocos.

Resumindo as etapas, em conformidade com o que Gil (2019) ensina, esse método consiste nas seguintes etapas: (a) desenvolvimento de um plano de trabalho, que definiu a estruturação do artigo; (b) a identificação, que foi a etapa reconhecimentos de tópicos relacionados ao tópico de pesquisa; (c) a localização, que, após o levantamento bibliográfico, realizou a identificação das obras que interessam, passando a identificação das bibliográficas nos arquivos das bibliotecas, sejam físicas e virtuais; (d) a compilação, que reuniu sistematicamente os livros e trabalhos avulsos; (e) os fichamentos, que foram elaborados em simultaneidade com o levantamento das fontes de referências; e, (f) a interpretação dos dados, que finalizou o trabalho e forneceu a discussão crítica do material bibliográfico, onde apresentamos uma análise sobre os materiais didáticos que fundamentaram essa redação.

## **A IMPORTÂNCIA DA LEITURA LITERÁRIA: BREVES CONSIDERAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS**

De acordo com Barros (2013), foi necessário muito tempo para que se considerassem as crianças como constituintes de uma sociedade e para que seus vínculos com a família e a escola fossem objetos de estudo. Até o século XVI, a concepção sobre a infância era considerada de maneira muito destoante da que se tem atualmente; a existência social da infância era vista como um grupo a parte dos demais componentes da sociedade, pois somente na fase adulta eram agregados ao espaço adulto.

A criança escutava as mesmas histórias/narrativas que eram contadas para os adultos, característicos das tradições populares à época. Enquanto as crianças de baixa renda (da aldeia) ouviam lendas, as crianças da nobreza escutavam clássicos. Enfim, ambos os públicos – adultos e infantil – participavam dos mesmos ambientes e atividades, até mesmo no que se refere à educação escolar.

Apenas no século XVIII começou a se manifestar um cuidado com o tratamento da infância, que se fixaria mais adiante, quando se passou a dividir as crianças em conformidade com a faixa etária. Isso ocorreu, pois a “revolução social imposta pelas guerras, que modificaram os costumes entre a Idade Média e os tempos modernos, criou uma compreensão da particularidade da infância e sua importância tanto moral como social” (BARROS, 2013, p. 15).

Zilberman e Lajolo (1986) contam que com o fortalecimento da burguesia, compreendido pelos autores como os grupos de poder aquisitivo e de influência a sociedade à época alta, isto é, antes do século XIX, incitou um investimento na educação; por este motivo a infância passou a ter um olhar especial e independente. Este período passou, então, a ser estabelecido como uma época de vulnerabilidade do ser humano, no qual a criança deve ser orientada e cuidada quanto às questões de proteção contra doenças e mazelas sociais, em razão de sua dependência e fragilidade. Esta necessidade de proteção incitou o aparecimento de organizações que resguardem o local do aprendiz jovem na sociedade e possam ser usados como intermédio entre a criança e o mundo. Foi a partir desta concepção que surgiram as primeiras escolas para o público infantil.

De acordo com Zilberman (2003), a valorização da infância acarretou uma maior comunhão familiar, contudo, ao mesmo tempo, surgiram os meios de controle do crescimento intelectual da criança e do domínio de suas emoções. Sendo assim, a literatura e a escola, respectivamente, são inventadas e reorganizadas, para cumprirem a missão de educar as crianças.

Neste processo de modernização que a sociedade vivenciou no século XV estimulado pela industrialização, a escola também passou a ter a função de moldar o jovem para agir, quando adulto, conforme o que é considerado status social no mundo burguês; com isso, passa-se a defender que pela alfabetização se capacita a criança, o que faz aumentar o consumo de obras impressas. Sobre isso, Barros (2013, p. 16), aponta que:

Esse processo aperfeiçoa a tipografia e a expansão da produção de livros, o que inicia o estreito laço entre a literatura e a escola. Produto da industrialização, o livro surge visando um mercado específico cujas características respeitam posturas pedagógicas e afirma valores burgueses a fim de assegurar sua utilidade. E a literatura surge, a partir dessas grandes transformações, na ordem sociopolítica e econômica.

Ao final do século XVII, esse pensamento incitou o aparecimento de um mercado de livros pedagógicos específicos, destinados, principalmente, para a literatura infantil. Apareceram-se, por exemplo, as histórias de La Fontaine (1668) e Os Contos da Mamãe Gansa (1697).

As narrativas afamadas e conhecidas mundialmente surgiram, inicialmente, na França e, depois, na Inglaterra, onde se destacou os contos de fada, como as famosas 7 histórias dos irmãos Grimm, em 1812. Nesta fase, identificou-se que as crianças tinham favoritismo por histórias fantásticas e com aventuras, como Peter Pan, de James Barrie.

Ainda de acordo com Barros (2013), o período de maior visibilidade da criança ocorreu no século XIX, originando assim a preocupação e respeito com as precisões e com o crescimento cognitivo e emocional da criança, por isso, as ciências – psicológicas, sociológicas e pedagógicas – passaram a se ater a este público. Neste contexto, a literatura passa a ser objeto pedagógico de trabalho destes estudiosos que se dedicaram ao público infantil. Pela literatura eram transmitidos

valores e normas da sociedade, com o objetivo de educar o caráter da criança em uma instrução cívica, ética, humanística, intelectual e espiritual.

Lajolo (2002) informa que essa intenção de usar a literatura como postura didática é, ainda hoje, um método muito utilizado quando se objetiva transmitir algum ensinamento em concordância com a interpretação de adultos. Para o autor, essa conduta tem um aspecto negativo, pois limita a condição da criança de criar uma apreensão autônoma e crítica perante a vida.

No Brasil, de acordo com Barros (2013), o reconhecimento da importância dos livros literários infantis aconteceu depois sua valorização como recursos pedagógicos, que propositavam instruir as crianças com bons modos para a convivência em sociedade. Verifica-se aqui que ainda há uma intencionalidade, o livro visto como uma forma de impor padrões e valores morais da sociedade. Um dos autores que se destacou no Brasil na área da literatura infantil foi Monteiro Lobato. Em 1921, o autor lançou “Narizinho Arrebitado”, que foi utilizado pela rede escolar pública com sucesso, por isso, outras histórias, como o “Sítio do Pica Pau Amarelo”, também foram implementados.

Coelho (2000, p. 225) também informa que Monteiro Lobato foi um divisor de águas na literatura infantil, pois “Fazendo a herança do passado imergir no presente, Lobato encontrou o caminho criador que a Literatura Infantil estava necessitando. Rompe, pela raiz, com as convenções estereotipadas e abre as portas para as novas 8 ideias e formas que o nosso século exigia”. Grande parte das obras de Lobato são destinadas a literatura para crianças que, além de escritor, era grande empresário nos ramos de editoras. Daí, talvez, esteja outro quesito que o ajudou a divulgar as suas obras literárias. Lobato acreditava que a relação entre criança e a literatura é um método para inserir a criança no ambiente da imaginação, cativando-a a se torna uma leitora e, conseqüentemente, fazendo-a assimilar mais informações que a tornaria um adulto atuante na sociedade. Há, ainda, a inserção do propósito de formação, isto é, a de a literatura apresentar somente características de moralista para material de formação de leitores.

## **A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO MEIO PEDAGÓGICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Para se tornarem leitores capazes e talentosos na prática diária, eles são críticos e fluentes na leitura e na escrita. É necessário que pais e professores promovam a leitura durante a infância. Como mencionado na seção anterior, as crianças ouviram histórias oralmente, o que é benéfico para o relacionamento entre crianças e o mundo da leitura. Os adultos são mediadores no processo de crescimento das crianças e fornecem equipamentos para se adaptar ao conhecimento. Portanto, os adultos, como portadores da responsabilidade de cuidar e treinar crianças como adultos, devem acreditar que quanto mais histórias e melhor o treinamento de jovens leitores, o mundo literário pode ser inspirado.

Ouvir história é recuperar a herança empírica do homem, seus medos, descobertas e desejos. As crianças sabem muito bem o que é essa herança empírica no turbilhão de sentimentos que vivenciam, é onde entra a figura do

professor/contador de histórias como mediador deste processo de aprendizagem de lidar com as emoções (SOUZA; BERNARDINO, 2011, p. 242).

A criança precisa ser incorporada ao mundo da leitura, especialmente pelos pais leitores, que incitaram a envoltura, interesse e condições auspiciosas para a aprendizagem. Esta bagagem cultural e social, que os pais fornecem no momento inicial, são de muita importância. Abramovich (1988) explica que os pais possuem um ofício solene de fornecer a aproximação com a leitura de maneira significativa e profícua, possibilitando o ingresso no qual o docente desenvolverá com a leitura. Sendo assim, quando os pais auxiliam e orientam os filhos desde o começo de sua vida, seja em qual for a atividade, proporcionam que ela obtenha uma atenção social mediada, pois a aprendizagem obtém significado e colabora para a afável desempenho da criança na sua vida escolar.

O contato com as histórias instiga a curiosidade da criança a si própria querer ler um livro, além de contribuir para que tenha uma compreensão sobre si e do mundo a rodeia. Diversificar as leituras, com o propósito de deslumbrá-las e despertar-lhes o prazer, favorece o hábito de leitura, permitindo que o aprendiz gere e reconte estória que ouvem. A este respeito Abramovichi (2003) diz que,

É através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica... É ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar 12 saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula... Porque se tiver, deixa de ser literatura, deixa de ser prazer e passa a ser Didática, que é outro departamento (não tão preocupado em abrir as portas da compreensão do mundo) (ABRAMOVICH, 2003, p.17).

Apresentar a literatura de maneira prazerosa não quer dizer que não deva ser levada a sério, pois como método fundamental para formar novos leitores, além de divertir, deve educar para a formação crítica, fluente e pensante, seja através de contos de fadas, gibis, mitos, fabulas e/ou lendas. Daí a precisão do docente preparar e aperfeiçoar suas aulas, embalando o aluno em atividades lúdicas e prazerosas, fazendo-o um adulto/leitor idôneo, que não considere a leitura como obrigação. Complementando,

Fica evidente que a escola se torna fator fundamental na aquisição do hábito de leitura e formação do leitor, pois ela é o espaço destinado ao aprendizado da leitura. Deste modo, as atividades literárias diferenciadas no contexto educacional são muito importantes para o bom desempenho da criança (BARROS, 2013, p. 22).

Formar leitores é papel complexo que desafia os educadores em geral, principalmente nesta era da comunicação de massa, ocasionada pela televisão e internet. Sendo assim, incitar a ler deve ocorrer, também, através de exemplos - o professor precisa ser um leitor afincado. Essa bagagem o permitirá fazer escolhas adequadas para a 13 idade do aluno, oferecer livros destoantes, elaborar leitura em voz alta, contar histórias, mostrar livros, nomes de autores etc.

Ao respeitar a faixa etária do educando e conhecer os processos adequados a cada fase, desenvolverá práticas de leitura que os ensinará a ler e, ao mesmo tempo, incitará para o interesse pela leitura. Existem estratégias que tem ajudado a alçar o sucesso dentro da leitura, como os “projetos literários” e o “cantinho da leitura”. Uma biblioteca diversificada, em gêneros, conteúdos e suportes, também é um quesito necessário para a edificação de um leitor. Enfim, é preciso atenção e preparo do docente/contador de histórias, a saber:

1. Saber escolher o que vai contar, levando em consideração o público e com qual objetivo;
2. Conhecer detalhadamente a história que contará;
3. Preparar o início e fim no momento da contação e marrá-la no ritmo e tempo que cada narrativa exige;
4. evitar descrições imensas e com muitos detalhes, favorecendo o imaginário da criança;
5. Mostrar à criança que o que ouviu está ilustrado no livro, trazendo-a para o contato com o objeto do livro e, por consequência, o ato de ler;
6. e por último, saber usar as possibilidades da voz variando a intensidade, a velocidade, criando ruídos e dando pausas para propiciar o espaço imaginativo (SOUZA; BERNARDINO, 2011, p. 245).

Contar estórias contribui para o despertar do aprendiz a um mundo de possibilidades, encantamento, impasses, soluções, descoberta de mundo e, principalmente, imaginário que os irão fazer ver o mundo de inúmeras formas, além de estimulá-lo a querer aprender a ler. O professor necessita angariar conhecimentos de que a motivação e criatividade são essenciais, daí a precisão de se trabalhar o lúdico, por exemplo.

Sabendo que a leitura é quem maior contribuirá para a formação de alunos leitores críticos, por isso é que se faz necessário que a escola também tenha a concepção da indispensabilidade de espaços para a prática de contação de estórias, criando ambientes para isso, para todos os envolvidos, alunos, professores, família etc. Sobre, Souza e Bernardino (2011) explicam que,

O horário adequado é aquele onde as crianças estão relaxadas, para pensar sobre a história que viram ou escutaram mostrar o livro a criança e deixar que está o manuseie é importante para a interação com o objeto, antes do recreio ou almoço ou ao final do dia são os melhores momentos para a contação. Quando ao espaço físico, sugere ambientes fechados, que evitem a dispersão, como a sala de aula, o bom é criar um ambiente de aconchego e a proximidade mantendo as crianças próximas em círculo (SOUZA; BERNARDINO, 2011, p. 247).

Ao escutar estórias, as crianças manifestam sentimentos de alegria, medo, tristeza etc. são estas experiências que alicerçam suas interpretações, suas opiniões acerca do que foi lido, elaborando seus acervos formativos de informações que o tornarão um ser autônomo de pensamento. Enfim, a literatura possui um dever, também, no desenvolvimento cognitivo da criança.

Para Abramovich (1997, p. 24) ressalta também que “ouvir histórias é viver um momento de gostosura, de prazer, de divertimento dos melhores... é encantamento, maravilhamento, sedução...”. Essa prática de contar e escutar estórias não deve partir apenas na escola, com os professores, deve ocorrer em suas rotinas domiciliares, com os pais. Ao ouvir e manusear o livro, a criança despertará

um interesse que colaborará para a formação dele enquanto leitor e ofertará uma visão mais abrangente do espaço que faz parte.

Zilberman (2003) também compartilha das ideias de Abramovich, sobretudo no que diz ao respeito do trabalho do professor. O professor leitor não é somente mais uma pessoa letrada, é um leitor que sabe usufruir de muitas variedades de leituras, como ler jornais, revistas, bulas de remédio, romances, gibis etc. e que sabe ensinar/transmitir isso a seus alunos com prazer, demonstrando gosto e entendendo o que estimula seus alunos, para poder aplicar uma melhor estratégia literária.

Para explicitar essas discussões em prática, alguns pesquisadores, como Simplício (2015), aplicaram e descreveram algumas atividades envolvendo o uso de histórias infantis utilizadas com aprendizes no nível do ensino infantil. Entre os enredos, a autora utilizou em uma das oficinas a famosa história de Chapeuzinho Vermelho. Optou pela utilização de história de fadas, pois um dos seus objetivos é ensinar que

[...] a vida é com frequência desconcertante para a criança, ela necessita mais ainda que lhe seja dada a oportunidade de entender a si própria nesse mundo complexo com a qual deve aprender a lidar. Para que possa fazê-lo, precisa que a ajudem a dar um sentido coerente ao seu turbilhão de sentimentos. Necessita de ideias sobre como colocar ordem na sua casa interior, e como base nisso poder criar ordem na sua vida. Necessita de uma educação moral que, de modo sutil, a conduza às vantagens do comportamento moral, não por meio de conceitos éticos, abstratos, mas daquilo que lhe parece tangivelmente correto e, portanto, significativo (BETTELHEIM, 2007 apud SIMPLÍCIO, 2015, p. 42).

Nas atividades, Simplício (2015) utilizou fantoches para os dedos para contar a história a turma. De maneira dramatizada, as crianças foram incitadas a recontar a história juntas, cada uma interpretando seu personagem. Essa atividade foi feita para que pudessem recriarem situações imaginativas que agregam com os personagens da história, cooperando para a formação de um sujeito complexo, indivíduo da unidade emoção-cognição-imaginação. Além do mais, a dramatização é essencial para o desenvolvimento emocional e social dos aprendizes, além de oportunizar que façam experimentos acerca de como destoantes tipos de sujeitos da sociedade se interrelacionam entre si.

Através dessa atividade, a autora identificou com clareza os processos imaginativos pelos aprendizes. Percebeu-se a facilidade que os aprendizes tinham para encenar as histórias, talvez por ser um conto de fadas mundialmente conhecido e muito provavelmente já ser de conhecimento dos alunos por meio de outros meios, mas mostra também as suas habilidades de combinar novos elementos a história, através da imaginação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essas discussões teóricas, como demonstram os autores que fazem descrições históricas apresentados no início do texto, nos aclaram que é de a função do professor saber avançar e



desconstruir a concepção de obrigação de se aprender a ler textos literários apenas decodificando palavras. A leitura na escola coopera para a edificação de valores de reconhecimento da literatura, elaborando condições favoráveis para esse processo ser realizado de maneira profícua e prazerosa. É preciso lembrar que esse processo depende também das estruturas que a escola oferece, como acesso à biblioteca, formação continuada para os docentes e reconhecimento de si mesmos como leitores, além da participação ativa da família.

Verifica-se que os discentes que melhor leem nas escolas, em grande parte das vezes, são os que frequentam a biblioteca, isto é, os que se interessam pela leitura. É por isso que o docente precisa expor que a leitura é um a prática procedimental, isto quer dizer que: o sujeito deve aprender a ler para alcançar alguma coisa (adquirir formação/informação) e não somente para aprender a ler (decodificar escrita).

Por fim, a literatura além de oportunizar um momento agradável e interativo entre o interlocutor e o ouvinte, ao contar histórias para crianças recorremos a fábulas, histórias e lendas baseadas em mitos sociais. Sendo assim, quando contamos uma história, estamos fazendo com que as crianças iniciem o processo de edificação de sua identidade cultural e social.

Narrar histórias para crianças também coopera para o desenvolvimento da linguagem, porque expande o mundo do significado das crianças, além de criar os hábitos de leitura, que são cruciais para o início da fase de instrução, comumente iniciada e denominada por educação infantil. Dessa forma, contribui para o desenvolvimento da criatividade e do raciocínio lógico dos jovens aprendizes.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.

ANDRADE, M. M. **Introdução à Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Atlas, 2007.

BARROS, P. R. P. D. B. **A contribuição da literatura infantil no processo de aquisição de leitura**. 2013. 54f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium, São Paulo, 2013. Disponível em: . Acesso em: 5 set. 2024.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 2009.

COELHO, N. N. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

CALDIN, C. F. **A função social da leitura da literatura infantil**. Redalyc, Espanha e Portugal, n. 15, s./p., jan./jun. 2003. Disponível em: . Acesso em: 5 set. 2024.

COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisas**. São Paulo: Atlas, 2019.

LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 2002.

SIMPLÍCIO, S. M. de S. **Leitura e contação de histórias: estratégias pedagógicas no desenvolvimento da imaginação infantil**. 2015. 58 f. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em: . Acesso em: 5 set. 2024.

SOUZA, L. O. de; BERNARDINO, A. D. **A contação de histórias como estratégia pedagógica na educação infantil e ensino fundamental**. *Educere et Educare*, v. 6, n. 12, p. 235-249, jul./dez. 2011. Disponível em: Acesso em: 5 set. 2024.

PORTO, A. P. T.; PORTO, L. T. Contação de histórias como estratégias pedagógicas para desenvolvimento da competência discente de ler e interpretar. **Revista de Educação Dom Alberto**, Santa Cruz do Sul, n. 1, v. 1, p. 115-129, jan./jul. 2012. Disponível em: . Acesso em: 5 set. 2024.

ZILBERMAN, R. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 2003. Disponível em: <  
<https://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=&id=dqhcBAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT2&dq=a+import%C3%A2ncia+de+textos+literarios+na+educa%C3%A7%C3%A3o+infantil&ots=nzNQDkqRvp&sig=JXDwidbw7DUADI9sbH5X2tlxPCs#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em: 5 set. 2024.